

Por Odila Damian

*“Se a bíblia tivesse sido escrita por mulheres...”*

Se quiser compreender qualquer mulher, pergunte sobre sua mãe. Histórias de comidas revelam forte ligação entre elas. Silêncios pensativos indicam questões não resolvidas, quanto mais detalhes, sem queixas, mas forte é essa filha.

Filhos varões eram o orgulho e a medida de uma mulher.

Na penumbra da tenda vermelha, a tensão menstrual, as mulheres contavam suas histórias.

Lia preparava refeições e serviu um banquete, quando Jacó apareceu, sabia como agradar à sua boca e o resto do corpo. Lia era a mais lasciva das irmãs.

A primeira menstruação da Raquel foi colhida em uma tigela de bronze, pois era precioso para a horta.

Eram quatro irmãs, quatro meninas nascidas para criar filhos, alimentá-los e trabalhar, só descansavam nos três dias em que ficavam na tenda vermelha.

Preparavam as refeições, mas só comiam depois dos homens.

Os homens tinham muitas mulheres, tanto quanto pudessem pagar por elas, e também serviam-se das ovelhas, que baliavam desconsoladas e sangravam.

Jacó esposou Lia e Raquel, mas dormiu e teve filhos com Zilpah e Bilah.

Com Inna, Raquel aprendeu o ofício de parteira, tudo muito rudimentar, com dois tijolos, a placenta era enterrada. O próprio Jacó circuncidou os filhos.

Para intervalos entre os filhos, para evitar gravidez usam sementes de funcho, além de um pessário de abelha (tipo de DIU).

*“O sabor da gratidão é como o néctar da colmeia.”*

Jacó foi bom pai. Lia e as irmãs foram boas mães.

O mundo de Dinah era cheio de mães e irmãos, trabalho e brincadeira, luas novas e boa comida.

Os homens respeitavam a tenda das mulheres menstruadas.

A protagonista Dinah conta toda a sua vida, conheceu o amor, o prazer, a desgraça, a tragédia, deu à luz, ajudou o nascimento de muitos. Conheceu pessoas boas, viveu dignamente. Teve outra chance de amar. Viveu feliz! Justa! Digna!

Assim viviam nossas antepassadas.